

KENNEDY DESMISTIFICADO

Daniel Marcos

ROBERT DALLEK

**Uma Vida
Inacabada,
John F. Kennedy
1917-1963**

[trad. Mário Dias Correia]
Lisboa,
Bertrand Editora,
2004, 559 páginas

Quatro décadas após o assassinato de John Fitzgerald Kennedy surge uma nova e extensa biografia sobre a vida de uma das mais emblemáticas personagens do século XX. A pertinência deste trabalho, do historiador norte-americano Robert Dallek, agora traduzido para português, reside na compilação de novos dados sobre o biografado, sobretudo relacionados com os problemas de saúde que o afectaram desde a adolescência. Porém, as revelações não se restringem a questões pessoais. Novos documentos esclarecem melhor a opinião de Kennedy sobre, por exemplo, as chefias militares norte-americanas e os planos que estas formularam no âmbito da invasão de Cuba e da escalada bélica no Vietname.

Ao contrário da abundante bibliografia sobre Kennedy, Robert Dallek, professor de História na Universidade de Boston, e autor de uma biografia ainda em curso sobre Lyndon Johnson (*Lone Star Rising*, 1992, e *Flawed Giant*, 1999), não pretendeu escrever mais um livro detractor ou hagiográfico. Pelo contrário, tenta desmistificar a imagem de Kennedy, dando-lhe uma representação mais humana. Assim,

a confirmação dos graves problemas de saúde de John Kennedy contribui para uma nova abordagem acerca do homem político: dando menor importância à sua tendência de mulherengo, apesar de nunca a ocultar, Dallek reforça a importância dos problemas de saúde, provando as enormes contrariedades que Kennedy teve de enfrentar para chegar onde chegou. Porém, seria redutor limitar as vantagens desta nova biografia a questões relacionadas apenas com a saúde do biografado. Também a actividade política está bem descrita e documentada. Aqui, convém realçar a capacidade do autor em destacar os obstáculos com que o presidente Kennedy se deparou, sobretudo ao nível interno, para fazer passar as suas propostas legislativas. Dallek demonstra os constrangimentos que impediram Kennedy de adoptar medidas mais enérgicas, especialmente em relação à questão dos direitos civis, não se eximindo, todavia, de criticar a sua postura frequentemente calculista. A par disto, esta biografia serve também para mostrar o lado mais construtivo de Kennedy: a sua capacidade negocial e o equilíbrio que demonstrou ao

enfrentar os graves problemas com a União Soviética de Kruchchev que ocorreram durante a sua passagem pela Casa Branca.

No que toca à forma como a obra está estruturada, Robert Dallek divide o livro em quatro partes, que correspondem às etapas determinantes da vida de Kennedy. Numa primeira parte que peca, sobretudo, pelo recurso constante a uma caracterização psicológica da personagem, Dallek analisa minuciosamente a juventude de Kennedy demonstrando como este beneficiou do facto de o seu pai ter sido embaixador em Inglaterra, de 1937 a 1940. A par disto, as frequentes viagens de John pela Europa em vésperas da II Guerra Mundial aguçaram-lhe o gosto por questões de política externa. Também nesta parte do livro o autor mostra como a participação na guerra, e a perda do irmão mais velho, contribuíram para que Kennedy optasse por seguir uma carreira política. Assim, após uma breve passagem pelo jornalismo, onde teve a oportunidade de acompanhar a Cimeira de Potsdam e a Conferência de São Francisco, John concorreu ao Congresso norte-americano pelo Massachusetts, tendo sido eleito em 1948.

Na segunda parte do livro, Robert Dallek descreve a actividade de Kennedy na Câmara dos Representantes. Segundo o autor, o futuro Presidente dos Estados Unidos mostrou muito pouco interesse pela vida de congressista, pois via esta situação apenas como mais uma etapa da carreira política, e não como objectivo final. Dallek realça que, já no Congresso, Kennedy tinha um desempenho algo ata-

balhado em relação às questões de política interna, mostrando-se muito mais seguro nos assuntos de política externa. Neste campo, revelou-se um forte apoiante da Doutrina Truman e do Plano Marshall, e um adversário da expansão do comunismo. Já no Senado, a política externa continuou a marcar a prestação de Kennedy. Segundo Dallek, Kennedy acumulou, enquanto senador, visibilidade nacional criticando a política externa e de defesa do Presidente Dwight Eisenhower. Kennedy defendia que a política externa do seu país tinha de ser mais assertiva e dinâmica, procurando aliar ao esforço militar uma forte actividade económica e diplomática, tendo em vista o fortalecimento da posição dos Estados Unidos no xadrez internacional. Esta postura de Kennedy reflectia, segundo Dallek, a sua visão da política externa como uma forma de promover as suas ambições políticas e de o proteger dos jogos de poder parciais em que é fértil a política doméstica americana.

Na terceira parte do seu livro, Robert Dallek analisa todo o processo que levou Kennedy até à Casa Branca. Ao longo de dois capítulos são descritos os vários constrangimentos e as árduas batalhas que a família Kennedy teve de travar para que John fosse eleito. Dallek consegue transmitir bem a oposição da ala liberal do Partido Democrata à candidatura de Kennedy, que nunca perdoou o seu maior interesse pela política externa em detrimento da política interna. Para os sectores mais liberais (ou, se preferirmos, progressistas) do Partido Democrata, John Kennedy era um líder excessivamente moderado, que seria inca-

paz de tomar decisões ousadas de política interna, nomeadamente ao nível da questão dos direitos civis. No entanto, o antagonismo da ala liberal do Partido Democrata não foi suficientemente forte para que Kennedy falhasse a nomeação. Segundo Dallek, foi com base numa forte dinâmica de campanha que Kennedy partiu rumo à Casa Branca. Para o autor, John Kennedy tinha como objectivo máximo transmitir a ideia de que os Estados Unidos da América eram suficientemente fortes para combater e derrotar as ameaças que vinham do exterior, em especial da União Soviética. Para tal, o futuro presidente norte-americano propunha transmitir uma mensagem de ruptura com a administração anterior, procurando desenvolver um movimento de rumo ao futuro. Como Dallek afirma, Kennedy tentou transmitir a ideia de que a América e o mundo se encontravam no «limiar de uma Nova Fronteira» (p. 198), numa fase em que havia decisões prementes a tomar em relação à Guerra Fria e ao conflito Leste-Oeste. Foi com base nesta ideia de ruptura e de reencontro dos Estados Unidos com a grandeza a nível internacional que a campanha de Kennedy foi projectada, levando-o a derrotar Richard Nixon, o candidato republicano.

OS ANOS DA CASA BRANCA

Na última parte do livro, Robert Dallek dedica-se exaustivamente à análise da presidência de Kennedy, oferecendo-nos uma síntese bem conseguida e equilibrada da sua curta passagem pela Casa Branca. Relativamente às questões internas, é ponto assente que os resultados da sua

administração ficaram aquém das expectativas. Dallek prova como o calculismo político do Presidente e os seus instintos moderados não foram suficientemente fortes para vencer as contrariedades e as pressões levantadas pelo Congresso, especialmente na questão dos direitos civis, onde se registou um bloqueio dos congressistas dos estados do Sul, velho bastião do Partido Democrata. Adicionalmente, mostra também que Kennedy foi incapaz de compreender que a questão racial ameaçava evoluir para uma revolução social que necessitava de ser resolvida de forma determinada e contra os interesses instalados. Por esta razão, a avaliação da actuação interna de John Kennedy é bastante menos lisongeira do que a sua prestação ao nível da política externa. Apesar disso, o autor ressalva, com pertinência, que a maioria das iniciativas reformistas da sua presidência seria depois aprovada durante o mandato do seu sucessor, Lyndon Johnson (1963-1968).

Houve, porém, uma diferença substancial na actuação ao nível da política externa. Durante os mil dias desta administração, Kennedy conseguiu implementar uma alteração significativa no papel mundial da superpotência ocidental. Dallek, baseando-se num exaustivo levantamento documental, aborda sucessivamente questões como a criação do *Peace Corps*, Cuba, Laos, Congo, Vietname, a Questão de Berlim, o tratado de proibição de realização de testes nucleares atmosféricos, a estratégia da «resposta flexível», as relações com a América Latina ou o Projecto «Apollo». Como Dallek demonstra, Kennedy transformou o Departamento de Estado norte-

-americano «no centro vital de acção» (p. 226) da sua administração. Através da leitura deste livro podemos perceber melhor quais as razões que estiveram na origem de iniciativas como o *Peace Corps* e o Projecto «Apollo», acções bem sucedidas desta administração e que rejuvenesceram a imagem dos Estados Unidos no mundo. Por outro lado, percebemos também, por que motivo as relações de Washington com a América Latina não foram bem sucedidas. Para lá do falhanço da Aliança para o Progresso, também a questão de Cuba não teve uma resolução fácil. A exposição que Dallek faz sobre as relações cubano-americanas mostra Kennedy no seu pior mas, também, no seu melhor. Se a Baía dos Porcos se revelou um fiasco, com o Presidente a deixar-se influenciar pelos conselheiros militares, a sua capacidade negocial e a sua contenção para lidar com a questão dos mísseis, voltam a equilibrar a avaliação que se pode fazer do seu mandato em relação à América Latina. Já em relação ao Vietname do Sul, Dallek leva-nos a concluir que, apesar de Kennedy ter sido o responsável por uma primeira escalada militar norte-americana naquela região do globo, o Presidente não estava na disposição de «pagar qualquer preço» (p. 489) para libertar aquele país da ameaça comunista. Através desta biografia podemos ver que John Kennedy nunca pôs de parte os planos para a redução do pessoal militar norte-americano presente no território.

O PRECURSOR DA DÉTENTE

Contudo, comprova-se uma vez mais que as grandes realizações de John Kennedy como Presidente se prenderam com

«a gestão das relações soviético-americanas» (p. 490). A narrativa de Dallek sobre as várias crises que marcaram as relações entre as duas superpotências leva-nos a perceber como Kennedy «desencorajou, na América, um estado de espírito que aceitava a possibilidade de uma guerra nuclear com Moscovo» (p. 490). Neste campo, não podemos deixar de fazer uma referência à constante contenda travada pelo Presidente Kennedy em relação às chefias militares dos Estados Unidos, desejosas de solucionar o diferendo soviético-americano através do uso da força, principalmente durante a questão de Berlim e a crise dos mísseis cubanos – os dois momentos mais «quentes» da Guerra Fria. Neste sentido, também a assinatura de um tratado de proibição de testes nucleares atmosféricos é descrita como mais uma vitória de Kennedy ante as resistências dos militares, o que abriu caminho para a *détente* com Moscovo.

Apesar de Dallek tratar desenvolvidamente os acontecimentos mais marcantes da passagem de Kennedy pela presidência, pensamos que este trabalho descure um pouco as relações dos Estados Unidos com a Europa e com África. Para além da incontornável rivalidade franco-americana e da «relação especial» com a Grã-Bretanha, as relações transatlânticas são superficialmente abordadas.

No que diz respeito a África, apesar da referência às fortes preocupações do Presidente Kennedy com a expansão do comunismo, onde se realça a questão do Congo, o autor pouco ou nada refere sobre as opiniões e as iniciativas da Administração Kennedy em relação àquele con-

tinente. Neste aspecto, pensamos que podia ter sido feita uma referência, por exemplo, à questão angolana e aos esforços dos Estados Unidos em não deixarem fugir do seu controlo os movimentos independentistas que floresciam naquela colónia portuguesa. Esta questão teve, como nos demonstram trabalhos realizados em Portugal e nos Estados Unidos, forte repercussão nas relações entre os dois países. A descrição destes temas podia abrir as portas desta biografia para uma vertente pouco analisada por Dallek: a dificuldade de penetração da Administração Kennedy na Europa onde, apesar de o Presidente ser aclamado pela população, era, ao mesmo tempo, olhado com alguma desconfiança por vários governos europeus, desde a França gaullista ao Por-

tugal de Salazar, passando pela República Federal da Alemanha.

Em conclusão, podemos dizer que os objectivos propostos por Robert Dallek foram alcançados. O autor conseguiu escrever uma biografia desassombrada sobre um dos grandes mitos políticos da América, sem cair no exagero de empolar os problemas pessoais do Presidente com intuits *voyeuristas*. Tirando o facto de ter abordado, com uma vertente marcadamente psicológica, todos os aspectos relacionados com a vida pessoal de Kennedy, não cedeu à tentação de dar mais importância ao lado mundano deste do que ao seu percurso e ascensão política. Tudo somado, razões mais do que suficientes para recomendarmos vivamente a leitura desta obra. **RI**